

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ - ICESPI
CURSO DE FILOSOFIA

FRANCINEUZO DE SOUSA FRANÇA

ÉTICA E MORAL EM KARL MARX: Uma análise a partir da crítica à religião e ao
capitalismo

TERESINA-PI
2015

FRANCINEUZO DE SOUSA FRANÇA

ÉTICA E MORAL EM KARL MARX: Uma análise a partir da crítica à religião e ao capitalismo

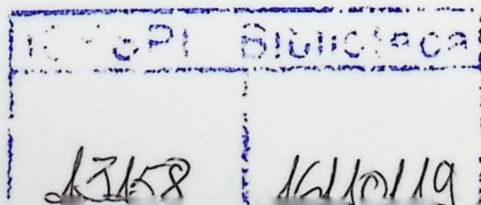
Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, sob Orientação do Prof. MS. Cristiano Morais

10-16

Cod. 5869
100
F8142
Ex. 04

TERESINA-PI
2015

FRANCINEUZO DE SOUSA FRANÇA

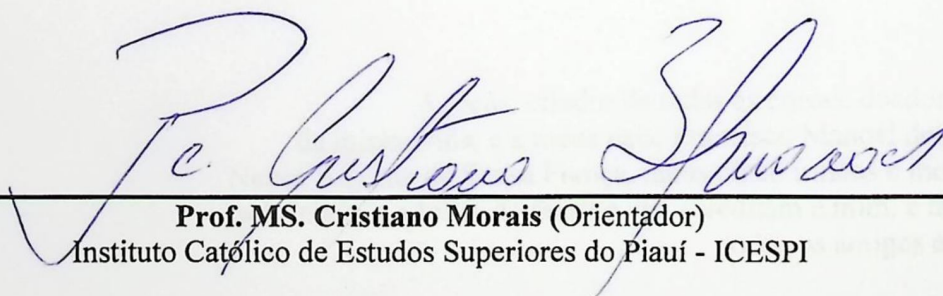


ÉTICA E MORAL EM KARL MARX: Uma análise a partir da crítica à religião e ao capitalismo

Monografia apresentada ao curso de Filosofia do Instituto de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia, sob Orientação do Prof. MS. Cristiano Moraes

Aprovada em 12 / 12 / 2016

Conceito: 10,00



Prof. MS. Cristiano Moraes (Orientador)
Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI

A Deus pelo Dom da vida e da inteligência.

A minha família e a todos os amigos que torcem pela minha vitória.

As autoridades deste trabalho pedem, Prof. MSc. Cristiano Mourão pela dedicação e amizade. A
todo corpo docente do ICFSP, professores, funcionários em especial Fátima Rosa Barbosa pela
amizade e carinho em mim, a todos pela contribuição para este trabalho.

A Deus, criador de todas as coisas, doador do dom
da minha vida, e a meus pais, Francisco Manoel de França e
Neusa Antonia de Sousa França, meus cinco irmãos e meus cinco
sobrinhos, e a todos da família que acreditam em mim, e também a
todos os amigos e amigas.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo Dom da vida e da inteligência;

À minha família e a todos os amigos que torcem pela minha vitória;

Ao orientador deste trabalho padre, Prof. MS. Cristiano Moraes pela dedicação e amizade. A todo corpo docente do ICESPI, professores, funcionários em especial Francisca Barbosa pela amizade e carinho; em fim, a todos pela convivência dispensada.

“A Burguesia arrancou da família o seu véu sentimental e reduziu a relação familiar a uma mera relação de dinheiro” (Marx, Karl; ENGELS E Friedrich. O Manifesto Comunista. Ed. Paz e Terra. 8ª edição. São Paulo: 2002 p. 13)

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido com base em leituras de Karl Marx e outros teóricos da sociologia, da ética e da religião. Isso por tratar-se de uma introdução a uma análise da sociedade atual, enumerando alguns pontos críticos da constituição das ações excludentes do capitalismo financeiro a partir das suas ideologias e práticas fundamentadas em princípios éticos e religiosos. Outro aspecto importante lembrado neste trabalho é quanto à valorização do indivíduo e, não somente enquanto massa como propôs Marx, mas na valorização da consciência crítica de cada homem para a transformação social e, conseqüentemente sua libertação da alienação dos meios de produção e de qualquer outra forma de opressão. Lembrando a importância da religião não pura e simplesmente como um sonho humano ou a superestrutura da economia mundial, mais enquanto forma real da efetivação dos propósitos humanos de busca da sociedade ideal. Talvez, a nova sociedade - a sociedade comunista, que era o ideal de Karl Marx, não tenha se realizado justamente por desprezar os princípios transcendentais e fixar-se unicamente no seu materialismo histórico que de certa forma favoreceu o estabelecimento do capitalismo. Mesmo com as constantes lutas pelas transformações dos meios de tratamento que são submetidos os trabalhadores assalariados, ainda não foram superados até hoje as mais diversas formas abusivas de sobreposição das classes dominantes em relação à classe operária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO I

COTIDIANO, ÉTICA E RELIGIÃO NA ATUALIDADE

1.1 SOCIEDADE MODERNA E DILEMAS ÉTICOS-RELIGIOSOS.....	12
1.2 COTIDIANO E EXPRESSÕES DE UMA CRISE ÉTICA.....	14
1.3 CAPITALISMO, ÉTICO E RELIGIOSO.....	18

CAPÍTULO II

A ÉTICA E A RELIGIÃO EM MARX

2.1 DADOS BIOGRÁFICOS DE CARL MARX.....	22
2.1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	22
2.1.2 CONCEITUALIZAÇÃO FILOSÓFICA.....	24
2.2 ÉTICA EM MARX.....	27
2.3 O TRABALHO ALIENADO.....	28
2.4 A CRÍTICA DE MARX A RELIGIÃO.....	31
2.5 A LUTA DE CLASSES.....	33

CAPÍTULO III

AS RESPOSTAS DA ÉTICA E DA RELIGIÃO FRENTE À CRÍTICA MARXISTA

3.1 A CRÍTICA DA ÉTICA E DA RELIGIÃO.....	38
3.2 RELAÇÕES INTERPESSOAIS E POSICIONAMENTOS ÉTICOS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade atual, percebe-se um considerável avanço de técnicas e dos meios de produção industrial. Com tais avanços, vão delineando, também, as mais variadas formas de aquisição de capital financeiro de modo a proporcionar a riqueza dos proprietários dos meios de produção capitalista e, em contrapartida, deixar uma grande maioria de operários em condições de sobrevivência, isto é, todo o trabalho reverte-se em condições básicas de moradia, alimentação, saúde, educação, na maioria das vezes precárias.

Neste sistema, as pessoas não vivem tão somente para si, mas para o mundo capitalista, ou seja, é preciso, para a garantia de uma vida digna, que as pessoas dediquem a maior parte do seu tempo para o desenvolvimento de atividades trabalhistas. É o que exige o mercado de hoje. E para estar inserido ao meio social atualmente, é necessário a adequação ao mais novo estabelecimento de normas sociais de sobrevivência isto é, parece haver um certo desnorteamamento do poder de normatizar moralmente a sociedade. Antes, o poder político estatal era quem “ditava as regras”, hoje até mesmo o Estado precisa do mercado para o seu direcionamento.

Tudo gira em torno da economia. E, muitos conflitos sociais ocorridos em todo o mundo, são decorrentes da busca incessante do lucro na aquisição do poder econômico. Basta lembrar os recentes acontecimentos como: a guerra do Iraque, o atentado de 11 de setembro, a guerra entre Israel e Palestina, a crise econômica da Argentina, a Bolívia com a mais recente das crises econômicas, entre outras. Isto mostra claramente em nossa sociedade atual o quanto a economia direciona o ser humano, o faz até mesmo perder a noção de responsabilidade com o outro e com a natureza para a luta fria e calculista de obtenção de poder econômico mundial.

Este caráter de domínio de mentalidade do mercado econômico mundial perpassa toda a vida do ser humano, seja ela psicológica, política, social e até mesmo religiosa. Para falar de um destes aspectos da vida humana, a religião é de certa forma uma enorme referência de estabelecimento de valores morais existente em toda a sociedade, é ela que vem direcionando a conduta do homem durante séculos e, ainda hoje continua a ser referência na busca desses valores, seja de transformação social, seja pura e simplesmente para a garantia da salvação divina ou ainda para a fundamentação equivocada de sustento econômico e justificativa de toda ambição humana de poder e poder mais que todos.

O que precisava necessariamente ser uma forma de conduzir para uma vida humana nas suas mais diferentes formas de relacionamento com os demais seres humanos, com a sua história e cultura, converte-se dia-a-dia em favorecimento particular e privado, ou seja, os detentores do poder, fazem mau uso dos fundamentos da religião e eis o grande problema ético e religioso na atualidade: a retratação destes mesmos para a fundamentação das ações do homem, seja elas virtuosas ou não.

As relações de bem comum, assim como plena valorização da pessoa como gente construtor de sua história através de seu desenvolvimento na sociedade, fundamentadas pela ética e religião, encontram-se cada vez mais exíguas neste mundo onde prevalece a ambição de *querer e poder* subjugando os demais não favorecidos pelo mercado mundial.

Neste trabalho, não pretendo aqui limitar um Marx exclusivamente crítico da religião, pois todas as teorias tiveram uma importância indispensável na análise da história, da economia e do próprio capitalismo. Preferimos considerar que Marx foi filho de seu próprio tempo, o século XIX. Se formos fazer uma análise profunda de toda a literatura deste século, contataremos um olhar mórbido sobre a religião. Desde Eça de Queiroz, Nietzsche e Feuerbach todos olhavam a religião com desconfiança. No entanto, esses filósofos e grandes escritores muito contribuíram para sua transformação e aprimoramento. Isso porque muitas vezes a vida religiosa se dissociou da realidade humana, em que deveria estar inserida e, passou a constituir para si um mundo à parte, um refúgio do mundo, Deus se tornou uma ilusão. Portanto, aqui talvez esteja um grito de alerta da filosofia de Marx, "uma religião engajada" com a transformação social.

Embora o ateísmo configure-se num perigo para a religião, no entanto, um perigo maior ainda esteja naquela reflexão que o dominicano Mateus Rocha fez em seu livro "*O tormento de Deus*": o que é preocupante não é número de incrédulos, mais o número daqueles que pensam acreditar em Deus, sem jamais lhes ter questionado o que Deus teria a lhes dizer. Muitos acreditam em um Deus que não fala, ídolo mudo manipulado ao bel prazer de seus interesses, talvez os verdadeiros ateus não sejam aqueles que pensamos.

Lênin atribui três fontes ou marxismo, sendo: o socialismo Francês, a economia política inglesa e a filosofia alemã. O materialismo dialético de Marx é fruto da influência da filosofia alemã sobre suas reflexões políticas, tendo como ponto maior o marxismo de que os filósofos só interpretavam por diversos ângulos. Portanto, resta agora o homem engajar-se na ação no mundo e mudá-lo. Os resquícios da economia política inglesa na teoria de Marx são notados quando este trata da idéia de mais-valia, analisando os fenômenos econômicos.

Porém é o socialismo que percebemos na teologia presente nas análise de Marx. Dentre os socialistas franceses, Fourier é quem proporciona a Marx a idéia de uma esperançosa nova sociedade, onde não haja exploração dos homens sobre os próprios homens. Saint-Simon lega a Marx a proposta de transformar o governo individual em administração coletiva, a propriedade privada em coletiva.

Nessa perspectiva do pensamento de Marx, desenvolve-se este trabalho de pesquisa científica, elencando uma análise da situação social da ética e da religião na atualidade. Porém, não tenho, aqui, o pretexto de esgotar este tema tão vasto, mais de dar uma introdução a discussão bem atual e instigante, ao qual muito virá a ser acrescentado em trabalhos futuros. Por isso, alguns temas são abordados sucintamente de modo a permitir que o objetivo da pesquisa não fosse descuidado.

CAPÍTULO I

Cotidiano, ética e religião na atualidade

1.1. Sociedade moderna e dilemas ético-religiosos

A construção da sociedade se efetiva quando homem passa a sentir a necessidade do outro, seja para se comunicar, seja para suprir suas pendências existenciais; alimentação, moradia, trabalho, saúde. Isso se dá também pela vivência comum de valores tradicionais de toda historicidade humana levando em consideração a valorização de sua plena constituição.

Por isso, a religião sendo uma das partes constituintes da sociedade atual, ela afirma-se enquanto tal especificamente por institucionalizar-se socialmente, ou seja, ela é a transposição da religiosidade dentro de um vasto contexto histórico de uma comunidade religiosa. Há em toda sociedade inúmeras formas de cultuação de vários deuses; índios, negros, candomblés, pajés,... e em cada uma de tais manifestações da religiosidade há uma constituição própria, mas que se esvai num determinado instante. Isso não quer dizer que a um fim, mas um ponto limite próprio da atuação da religião e, este é justamente um dos grandes problemas a serem estudados pelas ciências da religião neste século.

Daí, não há como se estabelecer uma única religião universalmente aceita, uma vez que há uma imensa riqueza nas mais variadas culturas em toda humanidade. É preciso sim, que se estabeleça uma plena interação entre os sistemas religiosos existentes para uma busca comum de soluções para os grandes problemas de alienação do ser humano: buscar a valorização da vida e não o sustento de bens materiais pessoais – causa de grandes conflitos sociais. Esse é o papel da religião. Tal como se observa nas ações religiosas, há uma tentativa de reconstruir a sociedade de modo a plenificá-la o mais adequado possível, restaurando tudo que o homem em sua insaciável sede de poder vem derrubando por onde quer que passe.

A religiosidade constitui-se na fé (crença) que os seres humanos depositam num Ser Superior e Perfeitíssimo, muito maior que tudo e que todos, através do qual passa a agir mediante seus preceitos em busca duma libertação de tudo que no mundo causa transtorno à vida. Tais preceitos são manifestados na institucionalização de tal religiosidade; na religião, pois é mais preciosamente na religião que se fundamenta a condução da vida humana como um todo, moralidade.

Hans Küng, no “projeto de Ética Mundial”, fala sobre a importância da religião em todas as relações que se envolve o homem. É nos momentos de injustiça, doença, aflição, desânimo etc. que a experiência religiosa fala mais alto e é a Deus, pregado pela religião, que se ocorre para a amenização ou solução de tais sofrimentos.

Observa-se que se trata de uma relação íntima do homem com o Ser Superior/ Deus, isto é, na religião o homem vê-se frente a frente com o Ser “sustento” de sua vida digna, há uma invocação divina, do qual sempre se espera uma resposta, uma solução.

Não se pode desprezar a religião com seus propósitos, tal como fizeram muitos autores na história. Karl Marx não crê numa constituição própria da religião porque, segundo ele, ela é “apenas produto da atividade do homem alienado”,¹ e o ópio do povo. Mas é necessário que se tome por base que a religião em si é favorável e essencial na vida humana: será que “a religião é, sempre, ópio do povo ou Foi e pode ser, também, *força e estímulo* para as lutas da emancipação do homem?”²

A religião favorece o crescimento humano ele permite lutar por seus ideais de melhores condições de vida, abre novas perspectivas para a construção de uma nova e justa sociedade. O problema está justamente no mau uso da religião. Em alguns países há a chamada “guerra santa”, seguidores religiosos enfrentam-se com o intuito de sobrepujarem-se às demais religiões, assim também inúmeros conflitos universais são estabelecidos pelo uso indevido dos fundamentos religiosos. Portanto, admita-se a existência da religião ópio do povo, mais não se pode excluir a existência de uma religião transformadora, proporcionadora de bem comum. Tudo depende dos objetivos primeiros da sua aplicação.

É importante que se avalie a cada instante as formas de atuação da religião na sociedade, justamente para que firme sua coerência nas aplicações de seus autênticos objetivos. Isso para que não se converta em sofrimento humano o que diz o objetivo da religião de aliviar o sofrimento e dar sentido à vida.

Verificar até que ponto a sacralização de deuses, religiões e religiosidade são válidas ou somente tornam descartáveis as experiências religiosas com a não efetivação de seus propósitos reais, se faz necessário diante do pluralismo religioso estabelecido em nossa sociedade.

¹ STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião: O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1987. P. 163.

² Ibidem, p. 163.

Enfim, em toda a história humana na sociedade ocidental, a religião, assim como toda religiosidade, sempre manteve uma grande influência na forma de condução da vida de muitas pessoas. Ela está presente nas alegrias e satisfações e é aí que as pessoas agradecem ao Ser Transcendente pela benevolência alcançada, por outro lado, mesmo na negação, no desprezo, este mesmo Ser Transcendente existe na vida daqueles que o nega, ou seja, num momento de decepção, de rancor, no momento da maior aflição é ao transcendente que se recorre não importa que nome este receba. Não se pode conceber uma sociedade sem religião. Haverá sempre uma necessidade de um transcendente mesmo que para fundamentar o estabelecimento de uma nova moral humana.

“Para Freud, a origem da religião é meramente psicológica (...) na religião, o homem foge da dura realidade, escondendo - se num mundo ideal da infância. Por isso a religião é ilusão.”

³ O homem sente a necessidade de um protetor para lhe assegurar o bem-estar nos diversos, momentos de sua existência. Esta proteção é buscada em um ser, Deus, maior que todo o mais perfeito em bondade.

Os que não crêem na existência de Deus, vêem na religião uma criação humana como forma de enganar outras pessoas fazendo-os a crer numa vida melhor que a atual existência, mais em outro mundo, além do físico sob a proteção divina. É justamente a este tipo de religião que Marx se refere ao definir a religião como “ópio do povo”. Sobre este aspecto da religião trataremos no capítulo seguinte.

Portanto, é a existência de Deus que garante a existência da religião e, a religião envolve-se nos vários momentos da sociedade, ou seja, valores éticos, culturais, sociais, assim como os grandes sistemas econômicos e políticos que regem as nações – nacionais e internacionais – buscam nos fundamentos da religião uma tentativa de justificarem seus atos e pensamentos no que tange à relação e os efeitos das suas mais variadas ações na vida cotidiana.

1.2 Cotidiano e expressões de uma crise ética

A luta constante pela aquisição de bens materiais vem se tornando um “fruto amargo” a ser consumido por uma grande maioria dos homens na atualidade. Isso foi consolidado mediante o desenvolvimento do capitalismo sustentado com o progresso científico, político e tecnológico.

³ ZILLES, Urbano. *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991, p. 146 – 147.

Dessa forma, vão surgindo muito mal na sociedade causado por esses avanços e nada é feito de concreto para reverter esse quadro de abandono ou de descaso em que muitos se encontram. Com a má utilização das técnicas científicas, são criados vírus laboratoriais que levam toda uma sociedade o colapso, como o Antrax, dentre outros, além de bombas de destruição em massa, clonagem humana sem levar em conta os efeitos sócias que isto pode vir a causar, toda a indústria bélica... Estes são alguns fatores resultantes da desconstrução social causada pelo progresso técnico - científico e ideológico.

(...) o pensamento científico e tecnológico é capaz de destruir uma ética tradicional que se alienou da realidade. E muita coisa que na modernidade se impôs como moralidade não é resultado da maldade, mas é um “efeito colateral”, involuntário da industrialização, urbanização, secularização e da organização falta de responsabilidade. O pensamento científico e tecnológico moderno, porém, evidenciou-se desde o início, como incapaz de fundamentar padrões éticos, valores universais, direitos humanos.⁴

Por outro lado, há enormes benefícios que foram e que são feitos por esses progressos, mas muito ainda precisa ser feito, sobretudo no que diz respeito à valorização da vida. É por isso que “exige-se uma nova ética fundamentada no cuidado pelo futuro e no temor e respeito diante da natureza”⁵, precisa-se enfatizar a necessidade de uma “responsabilidade da sociedade mundial por causa de seu próprio futuro.”⁶

A exacerbada luta pelo acúmulo do capital faz com que as pessoas lutem entre si para sobrepuem-se umas às outras sem ao menos permitirem-se a ver ao seu redor o que precisa ser edificado ou remodelado para viverem melhor. O mesmo ocorre entre as nações.

Recentemente assistimos ao cair, literalmente. Do grande centro do poder estadunidense- World Trade Center -, isso ocorreu devido a enorme insatisfação causada nos países pobres – 11 de setembro de 2011. Mediante a grande prepotência dos Estados Unidos da América (E. U. A.) em querer se erguer economicamente em detrimento de uma imensa maioria, deixando em situação catastróficas inúmeras nações.

Além desse fato, assistimos também, a Guerra no Iraque. É do conhecimento de todos os grandes interesses dos E. U. A. em tomar posse do controle da maior reserva de petróleo do mundo que está situado no Iraque. O petróleo é o produto que sustenta todo o mercado

⁴ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. São Paulo: Paulinas, 1993. P. 666.

⁵ Ibidem, p.52

⁶ Ibidem, p.52

mundial atualmente e, isso parecia ser a única fonte de poder, até então, que escapava ao controle estadunidense.

Mas como a ganância em querer sempre mais prevalece, normalmente “o mais forte vence o mais fraco”. Os E. U. A. prepara uma guerra contra o Iraque, alegando que este país possuía armas de destruição em massa, jamais encontrada por alguém e, contrariando a vontade universal, inclusive da Organização das Nações Unidas (ONU) – o maior órgão do mundo de segurança -. Esta guerra causou a morte de várias pessoas inocentes e a destruição de grande parte da História humana com o bombardeamento de museus do Iraque.

Um outro aspecto importante a ser lembrado na crise ética atual é quanto ao desenvolvimento econômico e suas implicações nas relações sociais.

...há no mundo hoje quase um bilhão de analfabetos (numa época em que o conhecimento é o instrumento fundamental para o trabalho), mas de um bilhão de pessoas que não têm acesso à água potável e um terço da população dos países mais pobres, a maioria deles na África subsaariana, tem uma expectativa de vida inferior a 40 anos. Tudo isso numa economia global de 25 trilhões de dólares movida por grandes avanços tecnológicos. O que mostra que a persistência e o aumento da pobreza absoluta não é um simples resultado da falta de riqueza econômica.⁷

Há no mundo nações de riquezas econômicas gigantescas, porém tais riquezas não são distribuídas igualmente entre todas as pessoas. A má distribuição de renda gera a miséria de muitos. A disparidade entre as classes sociais são alarmantes, há uma pequena quantidade de pessoas que desfrutam de uma vida digna; como saúde educação, moradia digna e, em contrapartida, muitos não têm nem ao menos onde morar. Tudo isso causado pela concentração de riquezas nas mãos de alguns.

Diante de tanta pobreza em contraste com a riqueza de uma minoria, que hoje se caracteriza como uma “apartação social”, é comum se ouvir o apelo à redistribuição

⁷ SUNG, Jung Mo. **Desejo Mercado e Religião**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997. P. 16

de renda. Principalmente num país como o Brasil que tem a segunda pior distribuição de renda do mundo.⁸

As políticas públicas voltadas para a solução desses problemas de miséria são efetivadas com o apoio de uma minoria e reprovadas por uma imensa maioria. E pra completar, o excluído não se sente como tal ou não encontra forças e motivos para lutar contra as injustiças a quem está submetido.

Parece haver um espectro que faz com que as pessoas comprem o produto e sintam-se incontentes, não pelo desejo de utilizá-lo, mas pela necessidade de obtê-lo para adequar-se ao estilo de vida da classe detentora do capital econômico, faz isso em busca do reconhecimento. A este fetichismo mercadológico, Jun Mo Sung chama de tabu: "As pessoas não comprem um tênis, mas sim vão em busca do 'ser' gente que lhes possibilita ser reconhecidas nas relações com as outras pessoas da comunidade que vivem sob este tabu."⁹

O problema de tudo isso está na efetivação desses desejos. Pois, as mesmas pessoas que são estimuladas pelo mercado a possuírem determinados produtos, são também privadas das condições de aquisição de tais produtos.

A má distribuição de renda gera desemprego, miséria, violência, tráfico de drogas e de crianças, morte, prostituição infantil e de adultos. Tudo isso enquanto os grandes proprietários econômicos acumulam mais e mais riquezas, têm além do que necessitam.

"E os pobres que não conseguem comprar e nem superar esta mística do fetiche da mercadoria vivem o sentimento de 'ser menos', de ser inferior, de ser culpado, sem dignidade e, portanto, sem direito pelos quais lutar".¹⁰

É esse o perfil atual da sociedade que no seu cotidiano é ludibriada a todo instante com a ideologia do mercado. Nessa situação, milhares de pessoas se perguntam sobre o que fazer para alcançar os produtos do capitalismo e, se por acaso não os conseguem comprar, atribuem a culpa a si mesmos pelos seus insucessos econômicos.

Tal culpa, na verdade, deveria ser atribuída ao mercado capitalista que não dá condições justas e suficientes para todas as pessoas adquirirem produtos que são postos aos olhos de todos, com ou sem condições financeiras de adquiri-las.

⁸ SUNG, 1997, P. 16

⁹ Ibidem, p. 67

¹⁰ SUNG, 1997, P. 10

1.3 Capitalismo, ético e religioso

No mundo hoje, explicitamente pode-se observar que a busca do poder deslocou-se do campo da política para o mercado. E o grande sistema capitalista fez do mercado o núcleo de nossas vidas. Daí a necessidade de se viver na luta por ganhar mais e mais, “a busca da riqueza passou a ser o mais importante objetivo na vida da maioria das pessoas.”¹¹

Em uma entrevista ao jornal O Liberal, o professor Alex Fiúza de Mello diz que o capitalismo perpassa todos os setores da vida humana, que esse sistema propõe à sociedade uma mudança de mentalidade, valores e práticas sociais. Isso é notório, pois esse processo civilizatório que direciona a vida de todos, parece fazer com que várias pessoas o tenham como um caminho seguro de satisfação da vida ou mesmo como um deus, assim como, eficiência na busca do poder através da acumulação de capital.

O capitalismo apresenta-se num dinamismo fantástico. Ele parece envolver as pessoas de tal forma que, o que se pensa ser um desejo de lucro do produtor, antes, apresenta-se em maior proporção como um imenso desejo de consumir do público alvo do mercado – os consumidores.

Por isso, as grandes indústrias buscam cada vez mais agradar o maior número de consumidores possíveis com o bom produto de seu trabalho. Para tanto se fez necessário evoluir tecnologicamente e investir na expansão do mercado.

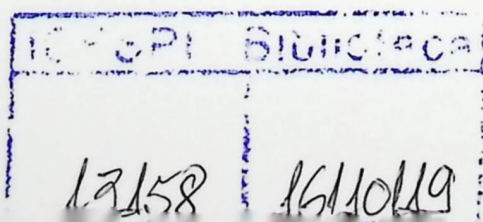
As grandes empresas têm que se adequar não mais a um mercado nacional, mas devem visar o alcance, ou melhor, a superação das grandes multinacionais. Percebe-se em Marx que o processo civilizatório capitalista não é apenas o acúmulo de riqueza em uma visão vertical, centrada num único território. Ao contrário,

Marx está falando no capitalismo como um grande processo de mundialização, onde as nações estão sendo subjugadas aos interesses da expansão das grandes indústrias pelo mundo inteiro, coisas que vemos hoje, onde as economias nacionais estão dependentes dos interesses das grandes empresas. ¹²

Esse caráter de mundialização marxiana da economia está na sua obra “Manifesto do Partido Comunista” quando ele tira do território nacional os pés da indústria. Isso implica numa

¹¹ Ibidem, p. 69

¹² MELLO, Alex Fiúza de. O Liberal. Belém, 7 de abril de 2002. Zoom; Variedades, p. 04



necessidade muito maior das indústrias no que diz respeito à expansão do mercado, à redução de gastos e à implementação técnica.

Todo o campo científico ocupa uma função de fundamental importância no desenvolvimento capitalista. Prova disso, estão nos grandes desenvolvimentos tecnológicos que só facilitam os trabalhos e a produção das grandes indústrias e, portanto, seu aperfeiçoamento técnico e lucratividade.

Dessa forma as máquinas, por realizarem os trabalhos em menos tempo e maior precisão, substituem os seres humanos. Isso gera desemprego, miséria e exclusão social. Mas para o capitalismo tal avanço é positivo, pois aumenta a potencialidade produtiva, diminui os gastos e, conseqüentemente mantém-se o poderio capitalista. “Um dos grandes temas da Escola de Frankfurt, na primeira metade do século XX, por exemplo, foi chamar a atenção para o fato de que a ciência havia virado capital. Não há mais ciência em favor da sociedade, mas sim em favor da lucratividade”.¹³

Um dos grandes problemas da nossa sociedade está justamente em encontrar na ciência um cunho de aplicação técnica voltada para a supressão dos inúmeros males que assolam o cotidiano de milhares de pessoas no mundo inteiro; fome, miséria, violência e exclusão. O que deveria ser um bem universal humanitário converte-se num meio ilícito e, porém, eficiente na busca do poder e interesses econômicos particulares. E, o sonho de paraíso de muitas pessoas parece cada vez mais tirado das mãos da religião e detida nos braços do mercado.

Na modernidade esta utopia (paraíso) foi deslocada da transcendência pós-morte para o futuro, no interior da história humana. Agora a utopia não é mais vista como fruto da intervenção divina pós-morte, mas sim fruto do progresso tecnológico. É o chamado “mito do progresso”. Com esse mito, desaparece a noção do limite para as ações humanas e surge a idéia de que “querer é poder.”¹⁴

O que antes se esperava com a morte, a segurança eterna num paraíso onde tudo seja proporcionado ao homem através da intervenção divina e, portanto, sob a intervenção religiosa hoje se percebe normalmente estar convertido no super desenvolvimento das técnicas e dos avanços técnico - científicos, ou seja, todas as necessidades humanas: bem estar, moradia, alimentação, “felicidade”, todos esses e muitos outros desejos (sonhos) de

¹³ MELLO, 2002, p. 04.

¹⁴ SUNG, 1997, P. 23

milhares de pessoas não se devem somente a uma utopia religiosa (paraíso), mas vê-se concretizada nos mais notórios desenvolvimentos e todo o mercado capitalista.

É válido ressaltar a grande importância de tais desenvolvimentos para a vida social – humana. Pois a partir das grandes produções industriais são colocadas mais facilmente ao dispor dos homens melhores condições de subsistências, produção e procriação. Há uma facilidade dos meios de produção e comercialização, por outro lado, isto favorece, em larga escala, um considerável aumento do número de desemprego devido à falta de especialização necessária à utilização de tais avanços tecnológicos, além da acentuada substituição do trabalho humano pela maquinaria. Isso traz à indústria um custo financeiro bem menos, porém, a inúmeras pessoas traz uma degradação da dignidade humana: fome, desemprego, marginalização, violência, etc..

Muitos problemas são explicados quanto ao limite das ações humanas no que se refere à utilização dos avanços científicos, principalmente nos aspectos de valorização da vida como um todo. A grosso modo, é necessário que se exerça suas funções direcionado-as para o bem-estar comum e, em hipótese alguma deixar prevalecer a bruta prepotência do “querer mais” sobre a vida e valorização da pessoa. No terceiro capítulo tratarei mais especificamente da humanização do indivíduo enquanto tal.

Em nosso contexto social atual, nota-se que todos os envolvidos no desenvolvimento do mercado caem num constante erro de valorizar o produto pela técnica e, em contrapartida, escravizam o homem, instrumento de produção e consumo, às leis do mercado, tomando-o a cada instante estranho ao mundo dos produtos de sua atividade operária e, por outro lado aproximam-se em ritmo cada vez mais acelerado rumo à identificação de si com os produtos de seu desejo, mas em condições de alcance de tais desejos extremamente análogos aos grandes proprietários do produto que ele mesmo ajudou a construir.

O homem operário não produz pra si, mas para o mercado capitalista, não sobra nada para si mesmo do que ele produz em grande escala para os proprietários dos meios de produção. Ou seja, a partir de tal forma um tanto quanto errônea de estabelecimento de escravidão, o homem encontra no capitalismo, mesmo que sem as condições necessárias para segui-lo, “o grande realizador” de seus anseios mais incontidos.

Eis que evidentemente, segundo Jun Mo Sung, há uma transferência das ações próprias do Deus da religião para as mãos do já endeuzado, pelo mercado; o capitalismo.

O sistema de mercado, o sistema de concorrência de todos contra todos, é apresentado como aquele que possibilita o progresso técnico infinito que vi nos

possibilitar a acumulação infinita que vai satisfazer todos os nossos desejos atuais e os ainda por vir; o capitalismo é apresentado como realizador das promessas que o cristianismo fazia para após a morte. A mudança não é só no tempo, de pós morte para o futuro intra-histórico, mas também no sujeito realizador das promessas: de Deus para o sistema capitalista.¹⁵

Portanto, não mais a necessidade de um Deus provedor de tudo numa vida ultramundana, como propõe o cristianismo. Agora, o capitalismo proporciona a realização de todas as insatisfações reais humanas desde que os homens adqüem-se aos seus preceitos de trabalho para aquisição de bens materiais e de firmarem-se como sujeitos do consumo para o sujeito do mercado consumidor – capitalista.

O pensamento de Marx continua muito presente em nosso cotidiano, sobretudo no que diz respeito à superação das misérias dos povos e da transformação social de forma a não existir mais opressão e, que o pensamento e os valores éticos e religiosos convertam-se para a edificação do homem e sua história ao invés de aliená-lo cada vez mais, tal como se encontra dissertado no capítulo sucessivo

¹⁵ SUNG, 1997, P. 26

CAPÍTULO II

A ÉTICA E A RELIGIÃO EM MARX

2.1 Dados biográficos de Karl Marx

2.1.1 Contextualização histórica

Para compreendermos as produções teóricas no campo filosófico e como estava se desenrolando o processo histórico da sociedade.

Começando pela cidade natal de Marx, Trier remonta ao tempo dos romanos. No século XIX exercia importante papel na cultura da região. Era o ponto de encontro do liberalismo revolucionário vindo da França e do conservadorismo do antigo regime liderado pela Prússia, onde a filosofia hegeliana convertera-se numa espécie de ideologia oficial.

As idéias liberais da Revolução Francesa de 1789 logo penetraram a Alemanha. A revolução burguesa propunha a organização da sociedade segundo os princípios liberais. Para o liberalismo interessava garantir a liberdade para os indivíduos que dela fazem parte, sendo radicalmente contra o absolutismo, porque nele a vontade de quem controla o estado prevalece sobre as liberdades individuais. É a partir da Revolução Francesa que as idéias liberais se impõem.

O que a revolução traz de novo à história universal é fazer da liberdade o funcionamento no qual se alicerça a vida comum dos homens. A liberdade se faz, assim o princípio universal da sociedade, por conseguinte, o princípio e a meta da Sociedade e do estado. As sociedades anteriores marcadas pela idéia de ordem, hierarquicamente estruturadas, legitimavam direitos particulares que, na realidade, eram privilégios fundadores de desigualdades.

Logo que as idéias liberais penetram a Alemanha, o liberalismo alemão abriu fogo contra o aliado mais fraco do estado, que era a Igreja e a religião.

O movimento liberal alemão influenciado das maneiras mais diversas pela Revolução Francesa esperava conquistar o Estado prussiano, pondo a nu a contradição entre o seu desejo de racionalidade e sua política retrógrada. Não interessava, pois ao movimento liberal, abrir de imediato a luta contra o Estado prussiano. Os liberais, além disso, depositavam grandes esperanças no próximo governo de Frederico Guilherme IV (1795-1861), anunciado como uma abertura política.

Na Europa ocidental, entre 1820 e 1850 houve um período de grande crescimento econômico e prosperidade, porém ao mesmo tempo mais revoltadas. A explicação para o grande número de revoltas encontra-se exatamente no processo de industrialização que estava ocorrendo nesse período. A industrialização consolidou a existência de duas classes sociais que marcaram profundamente a história do mundo daí para frente: a burguesia e o operariado.

A sociedade urbana e industrial prometia uma melhor vida para as pessoas, no entanto havia muita gente procurando emprego, a maioria da população vivia no campo explorado por grandes proprietários e as cidades cresciam muito rápidas e sem planejamento. Apesar dos avanços relacionados à vida humana – técnico – científico, social, cultural e político – e o crescimento da economia industrial que prometia resolver todos os problemas, mas a pobreza era muito grande.

As transformações sociais e econômicas tinham fortalecido a burguesia e criado uma massa de trabalhadores muito grande. A burguesia não simpatizava nem um pouco com os regimes absolutistas que voltavam a se instalar na Europa com a onda conservadora. A burguesia, de inspiração liberal, refutava a tradição, afirmava a fé no progresso e negava a desigualdade pelo nascimento, valorizando o talento individual. A burguesia colocou suas fábricas a todo vapor e as atividades comerciais adquiriram intensidade nunca vistas. Ela desejava ocupar o lugar da aristocracia.

Assim, por volta de 1830 a burguesia já controlava a economia e a ideologia da maior parte das sociedades européias, sendo que as revoluções liberais trouxeram o que lhe faltava, o poder político. A partir daí, inaugura-se uma nova fase na burguesia. Com o poder político ela colocará tudo a seu favor de seus negócios: o governo, as leis, a educação, o exército, a política, a justiça e a religião. Tudo está a favor de seus interesses e nada pode ser “a pedra de tropeço” para seus negócios.

A burguesia não admitia um Estado intervencionista na política e na economia, o qual defendia a democracia, que afirmava que a pessoa deveria ser priorizada e não o lucro. Desde o início do século XIX, já existiam pensadores preocupados em acabar com a degradação humana, admiravam a Revolução Industrial, mas condenavam a miséria que ela tinha trazido coisa que estes intelectuais não aceitavam.

Neste contexto surge o pensamento socialista e pouco a pouco foi se tornando uma ideologia da classe proletária que se desenvolveu com a industrialização e acreditava que a

nova sociologia só viria depois de uma revolução. Uma revolução feita pelo operariado com o objetivo de acabar com a burguesia.

Neste contexto surgem os movimentos operários, de orientação socialista. Marx ao ver a grande capacidade destes movimentos, torna-se teórico do movimento socialista, pregando a revolução pela união dos operários e pela luta de classes. Essa revolução se propunha a organizar os operários de todo o mundo para destruir o poder da burguesia e acabar com o capitalismo.

Por mais de um século o socialismo orientou o movimento sindical e os partidos trabalhistas de todo o mundo. Teve grande impacto sobre a sociedade e contribuiu para que a ampliação da liberdade defendida pelo liberalismo fosse também acompanhada pela ampliação da igualdade.

E Marx tornou-se um clássico da filosofia e um ícone do socialismo e comunismo, causando grande impacto no mundo e sendo estudado e “reverenciado” até hoje. Sua contribuição para o debate sobre ética e religião é de fundamental importância.

2.1.2 Conceitualização filosófica

Karl Marx, filósofo e intelectual, ideólogo do comunismo, organizador do movimento proletário internacional, foi, sem dúvida, um dos maiores nomes dos quais chamamos de clássicos da filosofia. Poucos conseguiram tanta repercussão na organização social, política e econômica do mundo.

A filosofia de Marx tem origem no século XIX. Segundo Lênin, teórico da tradição marxista, “a teoria de Marx é o verdadeiro herdeiro do que de melhor produziu a humanidade no século XIX, na forma da filosofia alemã, da economia política inglesa e do socialismo francês.”

A filosofia de Marx tem suas raízes na tradição filosófica ocidental, que estende desde Maquiavel, Spinoza, através dos filósofos do iluminismo francês e alemão do século XVIII, até Hegel e Feuerbach. Sua essência mesma é a preocupação com o homem e com a realização de suas potencialidades.

A obra de Marx tornou-se um suporte teórico às grandes transformações mundiais na economia e na política de muitos países. Sua obra atravessou os séculos e chega viva até nós. Durante todo este tempo foi amada por alguns, odiada por outros, porém nem sempre lida, o que gerou várias e más interpretações. Por isso, estudar a filosofia marxiana é uma tarefa não

muito fácil, isso se não se quiser reproduzir as falsificações com que a burguesia e seus ideólogos tratam o assunto.

A filosofia marxista a que me refiro ser apenas os escritos originais de Marx, é preciso distingui-la da interpretação ou tradição marxista. A tradição marxista com seus inúmeros autores visava apenas o jargão economicista, o que fez com que a filosofia de Marx não fosse nem lida em sua integridade.

A filosofia marxiana se mostra implacavelmente crítica para com todas as soluções para o problema da existência humana que tentam apresentar propostas negando ou mascarando as dicotomias intrínsecas da existência do homem. Em Marx, a filosofia ultrapassa o sentido meramente especulativo e passa a discutir os problemas enfrentados pela humanidade. Por isso, o fundamento do filosofar está ligado a um compromisso histórico, algo que Marx traz como herança hegeliana.

Karl Marx nasceu em Trier, cidade alemã, no dia 05 de maio de 1818. Seus pais, Heinrich Marx, advogado e Henriette Pressburg, eram de família judaica. Em virtude das leis anti-semitas da Renânia de 1816-17, seu pai se converteu ao protestantismo, de modo que Marx não recebe doutrinação israelita.

Marx faz seus estudos secundários em Trier, depois estuda Direito na Universidade de Bonn. Ali preferiu a vida goliardesca aos estudos, de modo que em 1836 seu pai o transferiu para a Universidade de Berlim, capital da Prússia. Neste ano ele noivou, em segredo, com Jenny Von Westphalen, de família aristocrática de Trier, com quem se casaria em 1843.

Estudando Direito, dedicou-se especialmente à história e à filosofia. Em Berlim, tornou-se assíduo freqüentador do "Doktor-club", círculo de jovens intelectuais hegelianos que interpretavam as idéias de Hegel do ponto de vista revolucionário, os chamados jovens hegelianos.

Em 1841 laureou-se em filosofia em Berlim, mas submeteu sua tese de doutorado na Universidade de Jena, sobre o materialismo de Epicuro e Demócrito, intitulado "Diferença entre a filosofia na natureza de Demócrito e a de Epicuro". Pensou obter a livre docência em Bonn, com a ajuda de seu amigo Bruno Bauer, mas este foi afastado e estava encerrada a carreira acadêmica de Marx.

Marx passou para o jornalismo tornando-se redator da Gazeta Renana e com 24 anos, chefe da redação. Este jornal era órgão dos burgueses radicais da Renânia. Foi aí que Marx entrou mais direto com as questões sociais. Mas devido as suas posições contra o governo

prussiano, o jornal foi censurado em janeiro de 1843. De Colônia, Marx vai para a França, precisamente Paris.

Neste período Marx estuda Feuerbach, onde encontra simpatia pelas idéias do ateísmo antropológico, traço que Marx já carregava da esquerda hegeliana. No verão de 1843 escreveu a "Crítica do direito público de Hegel", cuja introdução foi publicada nos "Anais franco-alemães", em 1844, em Paris. Estes anais projetados por Ruge e Marx, só tiveram uma edição.

Foi em Paris que Marx entrou em contato com o socialismo utópico de Fourier, Saint-Simon e especialmente Proudhon, que mais tarde terão suas idéias contestadas por Marx em nome do socialismo filosófico. Ali, por sua origem, leva a vida burguesa, prossegue suas pesquisas de filosofia e economia política, e assim escreve os "Manuscritos econômico-filosóficos" em 1844, só publicados em 1932.

Foi em Friederich Engels, que se tornaria seu braço direito e lhe daria muita ajuda econômica. Viu a possibilidade gigantesca do movimento operário, tornou-se comunista e socialista, também teórico do proletariado, que lhe custou a expulsão da França em 1845.

Nesta época amadureceu seu afastamento da esquerda hegeliana. Contra este movimento

Escreveu com Engels dois livros; em 1845 a "Sagrada família" em Bruxelas onde se refugiou, "A ideologia alemã". Ainda em 1845 Marx escreve "As teses sobre Feuerbach" e em 1847 contra o socialismo utópico de Proudhon escreve "A miséria da filosofia, resposta da miséria de Proudhon".

Em 1848, a pedido da Liga Comunista escreveu com Engels o "Manifesto do Partido Comunista", onde pregavam a luta de classes e a união do proletariado, e logo que estourou o movimento teve que sair de Bruxelas. Daí Marx teve um breve retorno a Colônia, onde sem sucesso fundou a "Nova Gazeta Renana" que foi imediatamente fechada. Então Marx retorna a Paris, onde sua estadia não é aceita. Marx vai para Londres.

Em Londres sua família passa muitas necessidades. Sobrevive de seus escritos e da ajuda financeira de Engels, podendo levar adiante suas pesquisas de economia, história, sociologia e política que constituíram a base de "O Capital", cujo primeiro volume saiu em 1867, os outros foram publicados postumamente por Engels, em 1885 e 1894. Em 1859, saiu a sua outra obra fundamental, a "Crítica da economia política".

Sua última década foi um período de muito trabalho intelectual, principalmente em "O Capital" e no Museu Britânico. Empenhado na atividade de organização do movimento

operário, conseguiu fundar em 1864 a “Associação Internacional dos Trabalhadores”, que se dissolveu em 1872 (oficialmente em 1876).

Sua mulher Jennu, morreu em 02 de dezembro de 1881 e Marx morreu em 14 de março de 1883, sendo sepultado no cemitério londrino de Highgate. Marx deixou como herança uma formidável produção teórica e uma tradição intelectual nos campos da filosofia, economia, política e sociologia.

2.2 Éticas em Marx

Em Marx, o homem não é um ser isolado, mas social e construtor, em grupo, de sua cultura e sua história, ou seja, uma interação entre os vários indivíduos na construção da sociedade.

Durante essas relações humanas estabelecidas, vão se delineando as relações de produção e as divisões dos trabalhadores a partir das condições de cada um impostas pela classe dominante. Para tanto, todos os valores morais até então existentes, são abolidos para o sustento das ideologias da nova sociedade detentora do poder. Com isso, são válidas, para a classe dominante, toda e qualquer forma de explosão e crueldades a que são sujeitos os operários nas relações de produção.

Logo, percebe-se que é a classe dominante que cria os valores morais vigentes na sociedade, justamente por ser também a única beneficiada com os meios de produção com a aquisição do capital financeiro. Cabendo, pois, aos trabalhadores assalariados a subjugação a esses novos valores morais para a permanência no trabalho e a garantia dos seus sustentos.

Não se pode mais atribuir aos valores da sociedade capitalista, princípios universais e absolutos nem tampouco transcendentais, pois todos os valores humanos necessários à sua vida cotidiana, inclusive os morais, originam-se nos mais diversos processos históricos bem delineados pelos valores morais das classes dominantes, ao homem resta apenas adaptar-se.

Portanto, julgar o bom ou ruim, o certo ou errado, o conveniente ou inconveniente, etc., não é mais uma tarefa do indivíduo, mas uma determinação histórico-social das relações de produção.

Pode-se então dizer que o homem é filho da sociedade, uma vez que ela o criou a partir dos costumes, crenças, hábitos a ele determinados desde o seu nascimento. Todos nascem sob o determinismo social, inclusive nos desenvolvimentos psicológico e físico e na aquisição da língua escrita e falada.

Mas o homem social, segundo Marx, ao transformar suas condições de sobrevivência através do trabalho, também transforma e cria a si mesmo, isto é, o homem social define-se como tal a partir da construção, individual e coletiva da sua história.

2.3 O trabalho alienado

Marx explica o conceito de propriedade privada e as leis que dela resultam mediante o trabalho alienado enquanto fator de desenvolvimento econômico.

Este fato requer que o produto adquirido pelo trabalho se oponha claramente ao trabalhador de forma que este se torne um estranho e independente. Tendo em vista que tal produto seja a objetivação do trabalho, percebe-se então uma coisificação do trabalho, ou seja, o trabalho transforma-se em coisa. Portanto, a efetivação do trabalho implica simultaneamente na sua objetivação enquanto subordinação ao objeto e a desvalorização do trabalhador.

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadorias: produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.¹⁶

O trabalhador é o objeto de sua própria produção e, conseqüentemente criador da perda de si mesmo. Tal perda constitui-se não só quanto aos bens necessários para a preservação da própria existência, mas também quanto ao próprio trabalho. A isto se chama objetivação.

Por isso, quanto mais o trabalhador produzir menos ele possui, dessa forma, vai se definindo uma apropriação do objeto produzido pelo trabalhador ao mesmo instante em que ocorre a sua alienação. O trabalhador encontra-se cada vez mais atraído pela produção em

¹⁶ MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret 2003, - (Coleção "a obra prima de cada autor"), p. 111.

massa de mercadoria para a sustentação do mercado econômico e não se dá conta do quanto isto acarreta em sua “condição humana” uma submissão total ao objeto de seu trabalho que por sinal não lhe proporciona melhores condições de vida e sim aos grandes proprietários. Ao homem cabe somente a perda de sua identidade de homem para a aquisição do título de objeto de trabalho (do mercado).

O estranhamento existente entre o trabalhador e o produto do seu trabalho torna o homem subordinado ao seu produto de forma que quanto for a sua produção tanto mais poderoso torna-se os objetos produzidos. O que isso implica na vida de um ser humano?

O homem perde sua vida ao transportá-lo para o objeto, pois o objeto de seu trabalho não é seu e, portanto o que se incorporou em tal objeto também não lhe pertence. Isto faz com que o trabalhador diminua a si mesmo ao passo que aumenta consideravelmente sua produção. Esta subordinação excessiva ao trabalhador assemelha-se à alienação religiosa no aspecto em que “quanto mais o homem atribui a Deus, tanto menos guarda para si mesmo”.

A alienação do trabalho no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto assume uma existência externa, mas que existe independentemente, fora dele e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica.¹⁷

Mas sem o mundo externo sensível nada o homem pode produzir, a natureza é imprescindível para a efetivação do trabalho do homem, só a partir dela os objetos podem ser criados. É a natureza que dá ao homem a existência do seu trabalho assim como lhe proporciona também os meios de existência física. Recebendo o trabalho, o trabalhador torna-se servo do objeto que lhe faz existir especificamente como trabalhador e sujeito físico, mas ele só é sujeito físico enquanto trabalhador e, só é trabalhador enquanto sujeito físico, isto devido a alienação de si mesmo aos meios de trabalho, ao estranhamento de si ao objeto de sua própria criação. O trabalho, atividade humana, torna o trabalhador – sujeito de sua existência – cada vez mais estranho à sua produção, parece ser uma eterna condenação humana que o homem faz de si mesmo ao fracasso.

¹⁷ MARX, 2003, P.112

A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais sem valor e mais desprezível se torna; quanto mais refinado o seu produto, mais desfigurado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza.¹⁸

A relação imediata do trabalho aos seus produtos é a relação do trabalhador aos objetos de sua produção. Já quanto à relação dos proprietários aos objetos de produção, a produção não passa de consequência da relação do trabalhador à sua produção e ainda a confirma. Contudo, à mesma proporção em que o trabalho produz riqueza para alguns, produz miséria, deforma o trabalhador e lhe aplicando graus cada dia mais intenso de estupidez.

O produto é o resumo de toda a atividade de produção. Portanto se o resultado do trabalho for à alienação, a produção também é alienação: “alienação da atividade e atividade da alienação”.

Há então que se perguntar se de acordo com Marx o produto do trabalho é estranho ao trabalhador e a ele se opõe a quem pertence tal produto? Caso falássemos da antiguidade, diríamos que esses produtos pertenceriam também aos deuses apesar de não serem os únicos senhores do trabalho. Mas é contraditória a subordinação da natureza pelo trabalho, ou seja, fazer com que os milagres dos deuses (a natureza) tornem-se insignificantes a partir do grande poder industrial. O indiscutível é que, caso não pertença a Deus, o produto do trabalho pertence a outro homem distinto do trabalhador que o tem como fonte de gozo e prazer mesmo sendo fonte de tormento e degradação para quem o produz.

No decorrer da história sempre existiu a alienação do trabalho, mas hoje, a classe trabalhadora é mais alienada e não a única. A alienação, segundo Marx é comum a todos os homens em sociedade. Por isso, não se limita á uma libertação do proletariado, mas de todos os seres humanos inteiramente, para que eles retomassem seus trabalhos de forma não alienante. Marx buscava a construção de uma sociedade dos homens como objetivos, ou seja, uma sociedade em que o homem deixe de ser mercadoria e torne-se um ser livre da subordinação de si mesmo e outros homens.

¹⁸ MARX, 2003, p. 113

Se para o capitalismo, o homem só vale enquanto produtor na forma de trabalho alienado, em Marx este mesmo trabalhador deve submeter o trabalho a si, o contrário não é verdadeiro. O trabalho deve ser fonte de crescimento para os homens e não sua eterna alienação e miséria devem, portanto, proporcionar sua libertação ao invés de ser o seu cárcere.

2.4 A crítica de Marx à religião

O pensamento de Karl Marx sobre a religião sofreu grande influência do pensamento de Feuerbach que entendia a religião enquanto uma ilusão da mente do homem, de modo a transpor metafisicamente e, de forma inadequada, as suas necessidades emocionais.

Feuerbach propõe tirar da filosofia o caráter meamente especulativo de teorias filosóficas e transformá-la num estudo físico-real e, portanto, empírico das relações humanas entre si e seus anseios aos diversos questionamentos humanos. Propõe uma mudança real da situação social e rejeita não a religião, mas a sublimação destas situações por meios metafísicos e da ilusão religiosa.

Para Feuerbach “quanto mais o homem vale, tanto e não vale o seu Deus (...). Deus é o íntimo revelado, a essência do homem expressa: a religião é a revelação solene dos tesouros ocultos do homem, a profissão pública dos seus segredos de amor”.¹⁹ Vê-se que a religião é iminentemente humana e histórica – sua essência escapa a princípios puramente metafísicos, ela auxilia o homem nos mais variados momentos de sua história.

A alienação do homem, segundo Marx, reflete a sua necessidade de busca da religião, pois ela proporciona um alívio, ilusório, ao homem e o permite crer que melhores dias virão.

“A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro lado, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo.”²⁰

Nas leituras consistentes dos textos marxianos percebe-se que para Marx a religião constitui-se fantasiosa e, portanto, totalmente anacrônica ao nosso mundo real. Mas, contrariamente, às constantes acusações de muitos críticos da filosofia marxiana, Marx não apenas condena a religião pura e simplesmente, sua real inquietação é na verdade com a situação das pessoas da Europa nos meados do século passado que estavam sendo levadas a

¹⁹ REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da filosofia: do Romantismo até nossos dias*. São Paulo: Paulus, 1991 – (Coleção filosófica), p. 173.

²⁰ MARX, Karl. *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 1843. Disponível no site:

WWW.geocities.com/autonomiabvr/crit.html, p. 1.

uma total abstração – entorpecimento – mundana por uma vida fantástica do mundo ilusório e tratado como escravos dos mais ricos; da burguesia.

Marx pensava a religião enquanto uma acomodadora dos povos oprimidos (proletários). Isso porque para ele a religião buscava proporcionar ao homem a plena realização dos seus desejos mais profundos: liberdade, felicidade, poder, mas numa vida além do real, em outra vida. A essa passividade causada ao homem pela religião que Marx caracterizou como “ópio do povo”, e por apaziguar o homem diante da opressão de si mesmo e, sendo a opressão um erro moral para Marx, tratou tal atitude como amoral.

Pela religião as pessoas são levadas a um distanciamento de sua realidade de oprimidos. A burguesia continua crescendo sobre um proletariado cada vez mais miserável e oprimido e, o homem “entorpecido” pela religião acolhe sua condição de oprimido como necessário e natural a si mesmo para o alcance de uma vida melhor no mundo celestial.

Marx não define a religião como o narcótico, mas especificamente como um narcótico; “o ópio do povo”. Isso porque segundo ele, a religião alivia a dor humana, mas instantaneamente o torna tão apático a ponto de não possuir uma nítida percepção de sua situação de oprimido. Dessa forma, esse homem vê necessidade nenhuma de mudança, permanecendo sempre à espera do alcance de uma verdadeira felicidade galgada através da religião. Tal felicidade para Marx “implica que a religião seja suprimida, enquanto felicidade ilusória do povo”.²¹

Dai a necessidade de abandonar esse mundo ilusório; extinguir a religião. Marx busca proporcionar ao homem uma lucidez, ou seja, ele quer que o homem liberte-se dessa condição ludibriadora de modo a perceber sua dura realidade e buscar sua transformação. Dessa forma, os proletários libertar-se-iam da opressão burguesa e passariam a serem donos de si mesmos na medida em que controlassem seus próprios trabalhos e gozassem do lucro obtido como resultado da força aplicada nos seus diversos setores de trabalho, assim como, a aquisição de liberdade e auto-estima.

A efetivação de tal aspiração marxiana caracteriza-se pela busca da felicidade real e o abandono da felicidade ilusória do povo. Fica, portanto, para a filosofia, a responsabilidade de lutar pela liberdade do homem neste mundo, tal como foi na filosofia materialista de Marx.

Tendo em vista o grande potencial da ambição da burguesia – dos ricos –, o que tornaria mais difícil o alcance da real felicidade, segundo Marx só há uma maneira de

²¹ MARX, 1843, P. 1.

alcançar tal felicidade; as massas teriam que tomá-la, uma vez que a burguesia não a entregaria de graça, através da luta de classes.

A missão da filosofia, que está à serviço da história, consiste no desmascaramento da auto-alienação humana em suas formas não santificadas. Com isto, a crítica do céu se converte na crítica da terra, a crítica da religião na crítica do direito, a crítica da teologia na crítica da política.²²

É preciso, segundo Marx, que a filosofia desça do campo de suas abstrações metafísicas e, passe a desenvolver-se no plano real de modo a auxiliar na forma de condução da vida humana que se encontra sob o domínio da ilusão religiosa e proporcionar ao homem oprimido o poder de si mesmo lutando juntos contra a burguesia.

2.5 A luta de classes

A sociedade, segundo Karl Marx sempre esteve dividida em dois grandes blocos distintos entre si, sobretudo por sua condição financeira: servidos e servidores. No decorrer da história da humanidade esta situação não foi contornada mesmo mediante todo o desenvolvimento político, econômico, intelectual, cultural, tecnológico etc.

As mudanças dos sistemas políticos – de feudalismo para burguesia –, assim como as demais mudanças já ocorridas dos tempos mais remotos aos nossos dias, não conseguiam ou nem ao menos tentaram: acabar com as diferenças entre as classes sociais antagônicas. De acordo com Marx, as únicas conquistas alcançadas durante todos esses tempos de lutas de classes, foram quanto aos métodos de reação entre os grupos opositores, ou seja, muraram-se as formas de antagonismos de classes, mas nunca cessou tal diferença. Tal afirmação pode-se observar no texto do próprio Marx: “A moderna sociedade burguesa, surgida das ruínas da sociedade feudal, não eliminou os antagonismos entre as classes. Apenas estabeleceram novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das antigas.”²³

Com o estabelecimento de novas classes e novas formas de combates aos constantes ataques opressivos sofridos pela classe menos favorecida de finanças, isto é, o proletariado

²² Ibidem, p. 1.

²³ MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Martin Claret. SP: Ed. Martin Claret, 2002. -- (Coleção “a obra prima de cada autor”), p. 47.

que dia-a-dia é vítima dos constantes desprezo e descuidados da burguesia, fica então, caracterizado o perfil da sociedade burguesa como a causadora da redução da luta entre vários grupos sociais, da opressão destes, na mesma medida em que foram se afirmando em toda sociedade os dois grandes grupos amplamente divergentes aos quais, Marx denomina de burguesia, aos detentores do poder, e proletariado, os que se encontram sob o poder da burguesia.

É perceptível em todos os grupos sociais o alarmante crescimento de grandes áreas da sociedade que sustentou antes, em precárias condições e hoje ainda sustenta, mas com grande potencial tecnológico as diversas nações, tais como: a ciência, a política, o pensamento humano, a cultura, etc.. E, com o desenvolvimento destes e outros setores sociais, o distanciamento entre as classes vão tornando-se cada vez mais visivelmente opostas e aparentemente inconciliáveis, ou seja, a burguesia – classe dominante, torna-se cada vez mais detentora de capital e, portanto, de status sociais que a sustenta como o poder da nação e, de outro lado, os proletários cada vez mais empobrecem e submetem-se ao poderio da burguesia para garantir a própria existência, estes também constituem-se como causadores da elevação burguesa, pois é sua a mão de obra que sustenta as indústrias e as diversas atividades econômicas.

Ao longo de todo o processo de desenvolvimento da sociedade burguesa, ela sempre se mostrou envolvida por um caráter destruidor de bases já edificadas para a instauração de sua própria estrutura, mesmo que para tal feito, nem mesmo a individualidade e a dignidade humana sejam preservadas de suas “abusivas” transformações:

Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Dilacerou impiedosamente os variados laços feudais que ligavam o ser humano a seus superiores naturais, e não deixou substituir de homem para homem outro vínculo que não o interesse nu e cru, o insensível “pagamento em dinheiro.”²⁴

Aqui, surge um novo problema, pois há um desgaste de relações interpessoais. O que antes se tratava companheirismo, gentileza, ou melhor, de fazer aos outros com intuito de ajudá-lo no necessário sem visar recompensa, hoje se converte em mais uma das inúmeras formas de obtenção de lucro, ou seja, não há como estabelecer a certeza do ponto em que as relações pessoais são “cavalheirescas” ou se por trás de tais relações há, novamente, o gélido

²⁴ MARX, 2002, PP. 47-48

“sentimentalismo pequeno – burguês”²⁵ de soma de capital de forma a concentrá-lo única e exclusivamente em suas mãos.

Percebem-se estes fatos, hoje, com naturalidade, pois esse tipo de relação tornou-se tão comum em nossa sociedade que passou a adquirir o caráter de “normalidade”. Se por exemplo, a mãe pede ao filho que ele faça o favor de ir ao supermercado fazer compras e ele friamente lhe responde que só vai se receber dinheiro em troca do favor ou por outro lado, a mãe promete um vídeo – game ou uma bicicleta a este mesmo filho para que ele vá estudar. Atualmente situações como estas se apresentam com um grau de naturalidade tão absurdo que pode ser comparado com um sistema de troca ou venda em que se entrega o produto pelo preço justo ou combinado e, é justamente esse perfil do pensamento burguês.

Por justo se deve entender ao valor estabelecido pela sociedade burguesa. É justo para a burguesia o acúmulo de bens capitais em suas mãos mesmo que com o seu enriquecimento ocorra em maior proporção o empobrecimento exacerbado de todo ou da maior parte do proletariado, é justamente este o caráter burguês desprezível segundo Marx; a burguesia utiliza o proletariado para seu enriquecimento e o trona cada vez mais miserável.

Tal como se observa nos países periféricos em relação às grandes potências econômicas internacionais, ocorre também bem embaixo de nossos olhos, ou seja, basta olharmos nas grandes capitais brasileiras, ou melhor, mais ao nosso alcance, Belém, do Pará, para observarmos o altíssimo grau de disparidade social existente e oriundo de uma minoria classe acumulativa de capital financeira e, portanto, beneficiada com os mais renomados e “badalados” locais restritos e grandes consumidores.

Estes grandes contrastes sociais estão expostos na própria arquitetura urbana de Belém. “Observando, constata-se que ao centro localizam-se os grandes arranha-céus, shopping’s, a chamada elite belenense, mas fazendo um cruzamento do “Entroncamento” à Cidade Velha, constata-se também, em situações totalmente antagônicas, a existência de inúmeras e enormes invasões e bairros periféricos em condições precárias de locomoção e as demais condições de moradia digna; saúde, saneamento, água etc.. Bem no centro da cidade o conhecido “Ver – o – Peso”, está literalmente separado da “Estação das Docas” por uma cerca de ferro que real e claramente define as classes sociais justamente por suas características no que diz respeito aos locais frequentados devido suas condições: a elite almoça nos restaurantes da “Estação das Docas” e a classe operária lancha no “Ver – o – Peso”.

²⁵ MARX, 2002, P. 47

A este bárbaro papel burguês de desgaste de relações e desprezo do ser humano, Marx define da seguinte forma:

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então consideradas dignas de veneração e respeito. Transformação em seus trabalhadores assalariados o médico, o jurista, o padre, o poeta, o homem da ciência.

A burguesia rasgou o véu de comovente sentimentalismo que envolvia as relações familiares e as reduzia a meras relações monetárias.²⁶

É esse o caráter revolucionário da burguesia. Por onde querem que se instale seu pensamento, todas as relações são transformadas aos seus critérios, e vale lembrar que a ação burguesa é sempre clara e evidente, ou seja, agora contrariamente à forma “narcótica” de relações a que o homem era submetido sob os fundamentos das religiões, os sujeitos da ação burguesa, no caso, os homens proletários, “são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas”.²⁷

Isto só vem a favorecer a classe oprimida, pois é a partir da consciência e da clareza de ser oprimido, que o homem proletário continua na luta por melhores condições de vida, mas para isso é necessário acabar com o seu principal desafio – a burguesia – que por sinal, estende-se por todos os cantos dominados e fazendo submissos muitos outros povos no mundo inteiro.

Globalizada. É como se encontra nossa estrutura mundial atualmente. As indústrias precisam de mãos de obra cada vez mais baratas, precisam estender seus mercados e, necessitam de matéria prima mais acessível e que proporcione maior quantidade de produto com menos gastos, isto é, lucro. Eis a grande necessidade de “conquistar novos mares”, ir em busca de novos países para a instalação de suas indústrias se faz necessário para a burguesia manter seu domínio. Prova disso estão as grandes empresas norte-americanas e japonesas como: Nike, Mc Donald's, Coca-Cola, Toshiba, Philco, Microsoft etc.

Com isso, perde-se o pensamento de criar um comércio interno e estruturar a economia nacional, agora, o importante é acompanhar o mercado, ligar-se ao globo terrestre: expandir visando sucesso, é esse o interesse do mercado mundial. Não só a expansão de produtos industrializados, mas, sobretudo o próprio pensamento burguês: de consumo, comprar e comprar e comprar para se adequar ao perfil dos países desenvolvidos. É

²⁶ MARX, 2002, p. 48

²⁷ MARX, 2002, p. 48

justamente este pensamento burguês, também chamado de ideologia que rege toda a sociedade internacional.

é notório que todas as pessoas para conseguir sobreviver precisa não perder tempo, isto é, quanto mais tempo em serviço maior será a quantidade salarial e, conseqüentemente sua renda mensal aumentará, aumentando também em maiores proporções o lucro da burguesia. Vive-se em função da burguesia, pois ela é quem "cria um mundo à sua imagem e semelhança"²⁸ e, querendo ou não, todas as pessoas são incluídas nesse mundo de consumo e desigualdade.

No capítulo seguinte, veremos a importância de se proporcionar ao homem a plena condição de sobrevivência, pois é sendo livre da alienação e da exploração capitalista e qualquer outra forma de exploração que o homem começa a construir-se e a edificar sua história fazendo da religião um importante instrumento na construção da nova sociedade.

²⁸ MARX, 2002, p. 49

CAPÍTULO III

AS RESPOSTAS DA ÉTICA E DA RELIGIÃO FRENTE À CRÍTICA
MARXISTA

3.1 A crítica da ética e da Religião

Na Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel está uma das mais ferrenhas críticas de Marx ao sistema religioso: "a religião é o ópio do povo". Historicamente, no movimento comunista houve quem utilizasse essa frase e a transformasse em dogma definitivo, absoluto, metafísico, acima de qualquer dialética. Não obstante, em outubro de 1980, foi pela primeira vez na história de um partido revolucionário no poder, a Frente Sandinista de Libertação Nacional, que foi divulgado um documento sobre a religião em que criticava esta afirmação de Marx. Eis um fragmento deste documento em que fica claro a crítica à idéia de Marx:

Alguns autores afirmaram que a religião é um mecanismo de alienação dos homens e serve para justificar a exploração de uma classe sobre a outra. Tal afirmação tem, sem dúvida, um valor histórico, dado que em diferentes épocas a religião serviu de base teórica para a dominação política... Entretanto, os sandinistas afirmam que nossa experiência demonstra que, quando os cristãos, apoiados em sua fé, são capazes de responder às necessidades do povo e da história, suas próprias convicções religiosas os levam à militância revolucionária. Nossa experiência demonstra que se pode ser cristão, e ao mesmo tempo, revolucionário conseqüente, e que não há contradição insolúvel entre as duas coisas.²⁹

Destarte, fica claro às circunstâncias históricas nas quais foi aplicada essa frase, ou seja, numa sociedade de cruel e inumana dominação – onde durante séculos, a Igreja e a religião foram utilizadas como instrumentos de dominação, de exploração e de opressão. Neste sentido, surgiram tendências com duras justificativas contra a Igreja, inclusive contra a própria religião como um todo. Naquelas circunstâncias, os comunistas viam na hierarquia católica estreitamente associada ao imperialismo, ao neocolonialismo, à exploração dos povos e à repressão dos homens. Imaginemos as instituições civis, os proprietários de terras, os

²⁹ BETTO, Frei. *Fidel e a Religião*. 10ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 230

nobres, os burgueses, os ricos, os grandes comerciantes e a própria Igreja, todos coligados para impedirem as transformações sociais, como a cabeça de alguém que luta em favor dos direitos humanos diante de tal situação.

Não temos dúvida que essa frase profundamente crítica ao sistema tem um valor histórico, mas de nenhum modo pode ter um caráter dogmático ou verdade absoluta. Neste caso, ela seria apenas a expressão de lembranças pálidas da história em que a religião não correspondeu com seus desígnios, portanto, é uma crítica ajustada a determinadas condições históricas concretas.

Em circunstâncias inóspitas aos direitos humanos a Igreja tem demonstrado um profundo engajamento com a causa ética em defesa aos direitos humanos, adequado com questões agrárias e defesa dos mais pobres. Aqui, podemos elencar alguns exemplos históricos que inegavelmente ratifica estas afirmações: lembre-se, por exemplo, de Martin Luther King (1929 -1968) nos Estados Unidos, cujas idéias pacifistas e religiosas encontraram apoio no pensamento de Mahatma Gandhi, cuja teoria e luta de não violência o comoveu profundamente.

Martin Luther King nasceu em 1929, em Atlanta, nos Estados Unidos. Filho de classe média negra foi criado numa das cidades mais segregacionistas do país, contudo, muito cedo passou a dedicar-se à conquista da igualdade de direitos para os negros americanos, King é um dos mais ovacionados quando se fala em direitos e libertação da comunidade negra. King utilizou o método da não – violência como antídoto a toda e qualquer fúria destruidora dos racistas americanos. Sobre isso escreve em uma carta em 1964: Porque podemos esperar: “A não – violência, a solução do problema dos negros, pode converter-se na solução do problema mais vital da humanidade.”³⁰

King foi assassinado em 1968 por um fanático racista cuja compreensão humana era tão exígua, que só conseguia enxergar sua própria cor como o centro do mundo; outro grande ícone mundial de defesa dos direitos humanos é o sul africano Mohandas Karamchand Gandhi (1869 – 1948). Gandhi pertencia a uma casta social elevada e sua educação em Londres, na Inglaterra, permitiu-lhe que se tornasse um brilhante advogado. Em 1893, retornou para a África do Sul, para resolver questões comerciais a favor dos ingleses. Contudo, deparou-se com o problema da discriminação racial dos ingleses para com os negros hindus. A partir daí,

³⁰ RENA, Lili. Martin Luther King. *Peregrino da Liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1997, p.6

o advogado que ganhava muito dinheiro, admirado pela sociedade inglesa, renuncia aos seus benefícios e se faz pobre para assumir a liderança da luta contra a segregação racial.

Gandhi foi preso várias vezes, mas em seus julgamentos ao invés de defender-se, declarava-se culpado com uma mansidão impressionante que desconcertava e irritava os juízes. Gandhi declarava que preferia morrer a submeter-se à lei injusta dos ingleses.

Mahatma Gandhi é um dos exemplos históricos mais eloqüentes de resistência pacífica em defesa dos direitos humanos. Gandhi tornou-se um símbolo mundial pela independência da Índia subjugada pela Inglaterra. Em 1946 a Índia conquista sua independência, mas logo depois explode um conflito entre hindus e muçulmanos, Gandhi vê isso com tristeza e abatimento, pois sua proposta da não-violência teve êxito contra os ingleses, mas não trouxe paz entre seus patrícios. Em 1948 Gandhi é assassinado a tiros por um fanático Hindu.

A humanidade jamais esquecerá Gandhi, sua coragem, sua audácia e inteligência e principalmente sua crença na transformação através do jejum, da oração e penitência, são marcas indeléveis na história da humanidade; outra grande resposta da luta religiosa pelos direitos humanos veio da América Central, na pessoa paradigmática de Dom Oscar Romero (1917 – 1980). Oscar Romero foi nomeado bispo titular da Arquidiocese de São Salvador em 03 de fevereiro de 1977 e tornou posse em 22 de fevereiro do mesmo ano. Apesar de tímido, seu trabalho pastoral sempre foi marcado pela defesa dos direitos humanos.

Foi reconhecido internacionalmente pela recalcitrante luta em defesa das causas éticas e humanitárias: foi indicado pelo parlamento inglês em 1978 ao prêmio Nobel da Paz, prêmio que foi recebido por Madre Teresa de Calcutá e, em 1980 a Universidade de Louvain na Bélgica o concedeu o título de doutor honoris causa reconhecimento ao seu trabalho em defesa dos direitos humanos.

Dentro da Igreja optou pelo sangue derramado, pela inquietação e esperanças do povo sofrido. Com uma das oligarquias mais vorazes da América Latina, apoiada pelo exército, que controlava o país ininterruptamente desde 1932, El Salvador é o menor país da América Latina. Em 1980 a greve se intensificou, mortes cada vez mais freqüente de camponeses e operários e Oscar Romero através de sua mensagem incomodavam os detentores do poder, aqueles que de fato alienavam, entorpeciam e escravizavam os mais pobres. Por isso, Romero foi assassinado em 24 de março de 1980, quando se encontrava celebrando uma missa na capela do Hospital da Divina Providência, na Colônia Miramonte, em São Salvador.

Por tudo isso e embora sem pretendê-lo, humilde e paciente entregando-se a todos sem pedir nada para si, gastando-se e devastando-se pela libertação de todos, Dom Homero converteu-se em um herói nacional e nos salvadorenho mais conhecido e estimado internacionalmente.³¹

Para muitos, Romero não morreu, ele continua vivo nos corações e nas mentes daqueles que amam a justiça e repelem a injustiça. Para esses ele, semeou uma mensagem inesquecível e perene que ecoa onde houver opressão, medo e tentativa de supressão dos direitos humanos.

O que foi descrito acima, talvez não seja uma resposta filosófica à crítica de Marx, no entanto, penso por bem fazê-lo desta maneira, haja vista, tratar-se aqui de uma crítica elaborada em um determinado contexto social e que somente sua resposta seria plausível mostrando não através de longos discursos ou teorias extemporâneas, não obstante, através de exemplos concretos de pessoas que através da religião lutaram pelos direitos humanos, contra a segregação racial, contra a independência civil e ideológica. O próprio Marx afirmara que os filósofos deveriam, ao invés de interpretar o mundo, transformá-lo.

Mahatma Gandhi, Martin Luther King e Oscar Romero, certamente, não foram filósofos, contudo, foram homens profundamente religiosos que nas suas atuações transformaram profundamente a realidade em que viviam. Cada um, em sua convicção religiosa, mas ambos fortemente engajados numa causa universal: a justiça, os direitos humanos, a resposta ética que todo homem deve procurar dar independentemente de seu país, de sua cultura e de sua convicção.

3.2 Relações interpessoais e posicionamentos éticos

Desde os gregos, a concepção de homem vem sofrendo várias transformações. De um lado isto favorece seu crescimento, enquanto agente de ação livre numa perspectiva de mudança das situações problemas que distorcem o conceito de homem e, sobretudo de suas aplicabilidades teóricas e práticas no seu próprio contexto histórico – cultural. Por outro lado, há uma visão de homem em que o conceito humano de utilidade se reduz a meros meios de manipulação do indivíduo, ou seja, a partir do trabalho humano se constrói todo um sistema

³¹ BOFF, Leonardo e L.A. Gómez de Sousa. *Dom Oscar Homero: Bispo e Mártir*. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1980, p. 231.

econômico que despreza o homem, que é o agente construtor do produto do mercado que é a forma de desenvolvimento e reforço de todo o objetivo capitalista; o lucro.

Mas o homem não se contenta em sustentar o mercado e escravizar a si próprio, prova disso são as constantes revoluções e aplicações de sua inteligibilidade para construir projetos capazes de sustentar o ideal de uma nova sociedade sem exclusão alicerçada sob a condição digna da pessoa, enquanto sujeito de si mesmo e de sua história.

A uma das constituições do ser humano; a faculdade racional se dá essa capacidade de reflexão sobre si e seu contexto social, de modo a buscar novos valores, novos meios de sobrevivência e ação edificadora dos seus desejos vitais; a nova sociedade, pela vontade livre entendida enquanto o poder fazer o que quer, sendo responsável por todos os seus atos, executando-os sem a pressão de um sujeito determinante, mas guiado pela responsabilidade de conservação de sua cultura, da vida social e da natureza.

Lima Vaz ao tratar sobre a experiência da pessoa, diz que:

Finalmente, no campo das ciências humanas, a observação e o estudo do homem segundo características que parecem capazes de unificar todo um conjunto de manifestações do seu ser, sejam elas psicológicas, sociológicas, culturais, etc., têm como alvo propor uma imagem científica do homem. O homem assim observado na vida de cada dia e submetido aos procedimentos classificatórios e analíticos da ciência é o indivíduo, que pode ser considerado um sinal manifestativo que anuncia a presença da pessoa na exterioridade do mundo e da história.³²

Portanto, é inconcebível que o homem seja coagido para a realização de suas atividades, pois a liberdade de sua ação é um aspecto indispensável para a constituição do ser humano. Segundo Maria Clara Dias no seu texto "Considerações a cerca do conceito de pessoa",

a possibilidade de desfrutar de liberdade é uma condição necessária, embora não suficiente para a caracterização do agir moral. Neste sentido, é preciso que possam ser reconhecidos como uma pessoa, para que nos possam ser atribuídas atitudes morais. Porém ser uma pessoa não significa ainda aceitar a moralidade, em outras palavras, assumir o compromisso de agir de acordo com os princípios morais.³³

³² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992 – (Coleção filosófica; 22), PP. 213 -214

³³ DIAS, Maria Clara. *Considerações a acerca do conceito de pessoa*. Disposto no site: WWW.ifcs.ufrj.br/textos/MCDIAS1.DOC, PP. 12 -13

Em Marx, “o homem se faz pelo trabalho, que é ao mesmo tempo a essência do ser social e a miséria do homem”.³⁴ Marx enfatiza o trabalho enquanto importante contribuição para construção social, pois é a parte do trabalho que o homem em grupo constrói a si mesmo e modifica a natureza para seu benefício e da sociedade. Mas o problema é que este mesmo trabalho que possibilita ao homem constituir-se enquanto construtor e produtor social, é o mesmo trabalho que o aliena ao produto, aos meios de produção e aos proprietários da atividade produtiva, gerando na sociedade os grandes contrastes sociais e fixando as relações mórbidas de patrão e empregado, opressor e oprimidos, ricos e pobres.

É comum ver estes tipos de relações na sociedade atual. Os operários chegam aos seus locais de trabalho para a realização das atividades a que são designados, dificilmente, há uma relação recíproca de amizade entre patrões e operários ou mesmo entre os próprios operários, há somente relações de produção. Isto se dá também pelo ativismo a que são submetidos os trabalhadores.

Trabalham-se demais para a garantia de uma condição suficientemente equilibrada para o sustento vital do homem e seus familiares, o problema de tudo isso é que devido ao baixo salário recebido pela atividade de produção, o operário é obrigado a trabalhar cada vez mais para ganhar estabilidade financeira e, em contrapartida, tais operários não encontram mais tempo para relacionarem-se dialogarem de outra forma que não a de trabalho.

O mundo do trabalho os obriga a dia e noite dedicarem grande parte do tempo para a aplicação das suas atividades operárias, com isso há famílias que não conseguem nem ao menos se comunicarem durante semanas. Isso favorece um considerável distanciamento entre pais e filhos e, o acompanhamento da educação e do crescimento dos filhos, que pode gerar, conseqüentemente, uma queda catastrófica das relações sociais e familiares. Sem o referencial de compromisso e responsabilidade social que são os pais, as crianças e os jovens ficam bem mais vulneráveis a todo tipo de marginalização.

As pessoas vão se distanciando cada vez mais umas das outras em decorrência do trabalho e das conseqüências trazidas pelas formas de execução das atividades produtivas e, sobretudo pelo acúmulo de capital financeiro nas mãos de uma minoria.

³⁴ OLIVEIRA, Admardo Serafim, ET alii. *Introdução ao pensamento filosófico*. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 1990, p. 144.

Para que esse quadro de abandono social seja revertido, é preciso que o indivíduo seja valorizado enquanto agente consciente de seu papel na construção da sociedade e, para isso se faz necessário que lhe sejam dadas as condições adequadas para a execução de suas virtudes e de todo o seu conhecimento teórico e prático.

Contrariamente ao que pensa Marx, não se pode desprezar a individualidade de cada ser humano, pois são as atividades particulares de indivíduos em classe que são a força para a transformação social, ou seja, não é somente a luta de classe – como propôs Marx, que é a salvação da sociedade, mas as potencialidades contidas em cada homem em particular que, quando relacionadas umas às outras, somam na execução das ações de transformação de crescimento da história e da cultura humanas – da sociedade ideal, na qual desapareçam as diferenças de classes, na qual não haja o crescimento de alguns em detrimento de muitos, enfim, que se sobreponha uma sociedade igualitária.

Mediante todo o contexto atual e histórico-cultural da sociedade, pode-se observar uma nítida degradação humana, onde o homem não é visto como sujeito, mas como objeto: de consumo, de produção, de manipulação do capitalismo. Cabe, portanto, uma reintegração do movimento humanista surgido na Itália em meados do século XIV, onde o homem é valorizado plenamente como sujeito atuante na sua própria história. Dessa forma, o homem não mais se encontra enquanto objeto, enquanto uma peça da imensa engrenagem do mercado capitalista mundial, mas é construtor de si mesmo e da natureza de forma a desenvolver todas as suas potencialidades; física, psicológicas, político-social e transcendental. É justamente essa visão humana que dia-a-dia vê-se exaurida na sociedade em que o lucro é a medida de todas as coisas e o homem objeto de seu sustento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dedicação aos estudos dos textos filosóficos de Marx aponta sua preocupação e busca da compreensão da realidade material, para assim elaborar sua crítica à sociedade capitalista e, junto, elaborar ainda uma das críticas mais contundente à religião e à ética enquanto superestruturas do capitalismo.

No desenvolver deste trabalho de pesquisa, procurei analisar a partir de uma análise da sociedade atual, os principais momentos desta crítica de Marx. Tal análise desperta para o interesse para o Marx filosófico, para o Marx pensador comprometido com a compreensão da realidade, traços estes que são despercebidos de quem fazia do filosofar um compromisso histórico.

Ao criticar a sociedade capitalista, Marx busca nas relações sociais uma concepção material das formas em que o capitalismo se apresenta, de modo que sirva de princípio teórico para uma crítica suficiente ao caráter fetichista das relações capitalistas que privam o homem de sua liberdade, fazendo-o agir não da forma que pretende, mas da forma que lhe é estabelecida.

Na tentativa de criticar as relações capitalistas pela alienação do trabalho, tal como encontramos nos Manuscritos, mesmo desvendando o trabalho alienado de forma do trabalho abstrato, Marx não precisava o conteúdo do que se constituía a forma do trabalho com o capital. Por outro lado, tal crítica consistia, sim, numa denúncia de um fato que negava a vontade livre e autônoma do homem, em um modelo perverso em que o trabalho alienado aliena a autonomia do trabalhador.

No que tange à religião, Marx a considera enquanto forma ilusória da humanidade como método de sublimar os grandes males sociais causados pelo capitalismo. Daí ele falar da religião como ópio do povo e como superestrutura da economia.

Mas, como vimos no 3º capítulo, percebe-se que o homem produz a religião. Ele é um corpo que necessita de alimentação, moradia e vestes, corpo esse que para se construir, precisa transformar a natureza, trabalhar para sobreviver. Os homens encontram-se, portanto, atrelados ao trabalho, lutando pela sobrevivência e sofrendo as consequências mais cruéis trazidas com o mercado capitalista. Pois é com o capitalismo que se instala permanentemente a divisão de classes; ricos e pobres, opressores e oprimidos, além da condição de miséria a que são muitos submetidos em decorrência do grande acúmulo de riquezas de poucos e, ainda a exclusão de uma imensa classe trabalhadora.

Marx, portanto, entende a religião enquanto uma superação ilusória de tais situações do homem excluído e alienado pelo capitalismo, fazendo-o crer numa vida muito melhor em um mundo também ilusório chamado paraíso.

Vê-se então, que de acordo com Marx a religião só existe numa sociedade marcada pela alienação do trabalhador. Logo, desaparecida tal alienação, numa sociedade livre, onde não exista mais opressores, a religião desaparecerá. Essa transformação de mentalidade social, para a construção da nova sociedade – comunista, só se dá, segundo Marx, pela luta de todos contra a superestrutura – a classe operária unida lutando contra a burguesia. A religião é, portanto, fruto da alienação.

Por isso, diante de toda essa catastrófica situação social em que os valores éticos e religiosos são distorcidos para o estabelecimento dos novos valores do capitalismo, se faz necessário uma profunda aplicação dos desenvolvimentos técnico-científicos e da economia para a solução dos males sociais, tais como: a fome, a violência, a marginalização humana como um todo.

Faz-se urgente uma mudança de mentalidade. O ser humano precisa parar de lutar contra si mesmo em favor de sua aceitação pelo mercado capitalista e, deve edificar-se também a sociedade de forma a agir com responsabilidade consigo mesmo, com os demais seres humanos, com sua história, com sua cultura e com a natureza.

Enfim, percebe-se em Marx que o estabelecimento da nova sociedade não se trata de uma adequação de valores éticos e religiosos, antes, de uma adequação do indivíduo à sociedade a que está inserido para de modo livre e responsável mudá-la com fins ao estabelecimento do bem comum e não mais para fins financeiros particulares.

Das leituras realizadas até então dos pensamentos de Marx referentes à religião, os sentimentos surgidos em mim não são de forma alguma de medo ou de desprezo de tais pensamentos, pois Marx está falando do século XIX em que o homem encontrava-se alienado pelos meios de produção enquanto a religião e a filosofia desenvolviam-se em planos transcendentais e ilusórios. Cabe a nós, enquanto religiosos e estudantes de filosofia, hoje, descer do campo das abstrações, tal como propôs Marx, e nos engajar na luta pelo homem concreto dentro de sua história com seus inúmeros problemas psicossocioculturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BETTO, Frei. **Fidel e a Religião**. 10ª edição. São Paulo: Brasilense, 1986.

BOFF, Leonardo e SOUSA, L. A. Gómez de Dom Oscar Homero: Bispo e Mártir. Petrópolis – RJ: Vozes, 1980.

CÉSAR, Constanza Terezinha M. (Tradução). **Os filósofos através dos textos – de Platão a Sartre** / por um grupo de professores. São Paulus, 1997. – (Filosofia).

CHIAVACCI, Enrico. **Ética social**. Tradução de Aida da anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2001. – (Coleção “O que é como se faz”).

DIAS, Maria Clara. **Considerações a cerca do conceito de pessoa**. Disponível em: [WWW.ifs.ufrj.br/cefm/textos/MCDIAS1.DOC](http://www.ifs.ufrj.br/cefm/textos/MCDIAS1.DOC).

KUNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**. São Paulo: Paulinas, 1993.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Tradução de Martin Claret. São Paulo: Martin Claret, 2002.- (Coleção “a obra prima de cada autor”).

MARX, Karl. **Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. 1843. Disponível em: WWW.geocities.com/autonomiabvr/crit.html.

_____. **Manuscritos econômicos filosóficos**. Alex Martins. São Paulo: Martins Claret, 2003. – (Coleção “a obra prima de cada autor”).

_____. **Vida e obra**. Tradução de Edgard Malagodi e José Arthur Giannotti. São Paulo: Nova Cultura Ltda., 1996. – (Coleção “Os pensadores”).

_____. **O Capital: crítica da economia política: Livro I**; tradução de Reginaldo Sant' Ana. – 16 edições – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

MELLO, Alex Fiúza de. **O Liberal**, Belém, 7 de abril de 2002. Zoom; Variedades, Cartaz 4.

OLIVEIRA, Admardo Serafim. ET alli. **Introdução ao pensamento filosófico**. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 1990.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Desafios éticos da globalização**. São Paulo: paulinas, 2001. – (Coleção Ética e sociedade).

PENZO, Giorgio – Rosino Girbellini (Organização). **Deus na Filosofia do século XX**. São Paulo: Loyola, 1998.

REALE, Giovanni. **Historia da Filosofia: Do Renascimento até nossos dias**/ GIOVANNI Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: Paulus, 1991 (coleção "filosofia").

RENA, Lili. Martin Luther King. **Peregrino da Liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1997.

ROCHA, Mateus Frei. **O tormento de Deus: estudos sobre Dostoievsky e o ateísmo moderno**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1970.

SEEL, Carlos Eduardo, 1971 – **Sociologia clássica: Durkeim, Weber [e] Marx**/ Carlos Eduardo Seel. 2. Ed. Itajaí – SC: Univali, 2002.

STACCONE, Giuseppe. **Filosofia da Religião: O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

SUNG, Jung Mo. **Desejo, Mercado e Religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992 – (Coleção filosofia; 22).

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991.